



É com muita alegria que todos, no Instituto de Psicologia, recebemos o pessoal novo, os bixos com xis, um pouco deslumbrados de terem entrado na USP, ainda tomando contato, querendo se situar. Essa alegria está manifesta na foto tirada no dia da matrícula, dia de muita festa e cordialidade e muitos risos, quando funcionou à beça a máquina de cortar cabelo e a tinta a dedo correu solta, dia em que acabei também ganhando alguma cor. Também houve churrasco. Os bixos são como uma lufada de ar novo, um recomeço da aprendizagem e do ensino, uma interação que vai rolar durante alguns bons anos (passam muito rápido!) e que significa, a gente sabe, um enriquecimento de todos os lados. Em pouco, os bixos estarão por dentro do funcionamento das aulas e dos setores do Instituto, em pouco, já começarão a adquirir o jeito indiscutível e indisfarçável do aluno psi. Eu queria, fora dar as boas vindas, falar um pouco do momento de nosso Instituto. A Psicologia na USP tem que se mostrar ativa em dois setores interligados: a pesquisa – a produção e transmissão de novos conhecimentos psicológicos – e o atendimento, que, a partir desses conhecimentos, responde às áreas sociais que deles necessitam. É uma responsabilidade dupla, guiada pela idéia de contribuir para a transformação das práticas sociais, e que se reflete na formação dada aos alunos. Não apenas *eruditos*, mas alunos que estão a par dos métodos de pesquisa, capazes de aplicá-los dentro de uma perspectiva crítica; não apenas *técnicos*, mas aptos a adaptar o que sabem, de maneira criativa, aos muitos setores sociais em que irão atuar. Dentro desse espírito, a

AOS NOVOS, COM XIS

César Ades (Diretor do IPUSP) [R]

Comissão de Pesquisa do Instituto está organizando uma série de encontros de reflexão sobre a pesquisa e a publicação em Psicologia, o primeiro já realizado em 10 de março. É relevante também anunciar que o IP criou, muito recentemente, uma Comissão de Ética em Pesquisa com Seres Humanos (CEPH), encarregada de avaliar projetos dentro da perspectiva de respeito ao sujeito experimental ou sujeito de qualquer

todos os alunos e, em particular, para os novos com x, um projeto incubado durante muito tempo está agora chegando a sua fase de aprovação final. Trata-se do novo (de novo!) currículo para a graduação em Psicologia no Instituto. Uma comissão de reforma curricular, da qual fizeram parte docentes dos vários departamentos e, em todo o seu percurso, representantes dos alunos, depois de se reunir um sem número de vezes e de ter discutido as questões de cima para baixo e de baixo para cima, está ultimando uma proposta de novo currículo através da qual pensamos atualizar, melhorar, equilibrar, integrar, agilizar, tornar mais motivadoras e personalizadas as disciplinas oferecidas. Esse



projeto ainda tem de passar pelos departamentos e, principalmente, pela Congregação do Instituto para ser implementado. Vamos todos ficar atentos e participar. Outra novidade, já prometida através do BOCA, é a construção de mais um prédio para o Instituto. A verba já está disponível, a licitação estará aberta em breve, esperamos o início da construção no primeiro semestre de 2003. O prédio (que será o Bloco G) vai abrigar, por enquanto a Administração do Instituto, atualmente localizada no muito cansado Bloco 23. Mais tarde o Bloco G será

tipo de pesquisa psicológica. Do ponto de vista das áreas de aplicação, é importante que o aluno novo se interesse, desde o começo, em saber quais são as desenvolvidas no Instituto: a variedade de setores em que atua o nosso Serviço de Atendimento Psicológico (SAP) vai além do que normalmente se sabe a respeito de atuação psicológica, estamos trabalhando para que novas áreas, como as que têm a ver com psicologia e saúde, possam se acrescentar às outras. Algo de muito novo e de muito importante para

ampliado com um prédio para Laboratórios Didáticos e haverá, num futuro que a gente gostaria que fosse próximo, anexos para o Bloco do SAP. Assim, a fase de dispersão dos prédios da Psicologia está quase chegando ao fim. Outros projetos em tramitação envolvem lanchonete e xerox. O espírito da coisa toda é colaboração, cooperação: os alunos têm uma parte mais do que importante a desempenhar, e espero muito deles, não importa que seja com x ou sem x.

Índice

Aos Novos, com Xis	1
A psi USP não sabe conviver com a diferença	2
"Afaga-me"	3
Poema sem título	3
Por que não simplesmente curtir a balada?	4
Comentários et al em: Viva a sociedade alternativa, Bicho!	4
Rapidinhas	5
Sim, poema	5
O Maravilhoso Mundo de MariLu em Pérolas de Molho*: Bixos, saiam do lixo!	5
Exclusão Social?	6
Poema de colagens	6
Trajetos do sofrimento no mundo contemporâneo: ruptura, continuidade e busca de sentido	7
BichUSP 2003 – Notícias da Psico	7
Pequenas Estórias – Foi só um sonho	8
Capítulo 32 – A Jornada se Inicia	8
GOZE no Interpsico	9
Representantes De quê?	9
Poema	9
Sarau	10

BOCA

BOLETIM OFICIAL DO CENTRO ACADÊMICO

boca@yahoogroups.com

www.psicousp.org.br

Tiragem: 300 exemplares.

Comissão Organizadora

Carlos Hideaki Fujinaga "Batata"

(99), Danilo Silva Guimarães (01),

Roberto Lustosa de Andrade (02),

Patrícia V. Gonçalves (03), Paulo

Pita (03), Erika Azevedo (02) e

Cláudia De Simone (02)

Diagramação Paulo Pita (03)

Revisão José Israel Guedes

Rodrigues (01)

Publique no BOCA: Envie para o

e-mail do BOCA textos anexados

como documentos do MS-Word

(.doc) ou imagens preto e branco

até meio-dia de domingo. As

reuniões da Comissão

Organizadora ocorrem

semanalmente às segundas-feiras,

das 13h00 às 13h30, na sala 13.

Participe!

[R] – texto revisado

A USP NÃO SABE CONVIVER COM A DIFERENÇA

Zílio - dinossauro

[R]

É galera, a psicologia, vista por muitos como a ciência do Δ , aqui neste seu templo não sabe lidar com as diferentes opções individuais.

Não falo do discurso, nele até que manda bem, falo do cotidiano.

Afro-descendentes, quase nem *si panz* e, os poucos que *panz*, às vezes se enloirecem.

GLTB, sigla a mostrar não haver tantos homossexuais publicitários, ganhou um espaço na semana da bicharada, será que ganhou espaço nas relações interpessoais?

No início alopei - *o CA tá mais preocupado com a linha sexual dos bichos do que com a linha política* - nossa eu pensei isso?!!

Puxa, sorte que eu refleti, mas só depois de alguns dias e depois de ter comentado com muitos.

Refleti, reavaliei, mudei de ponto de vista e mudei com isso - *cada ponto de vista é a vista de um ponto*, tentando vivenciar praxis melhores com essa opção diferente da minha.

Mas tudo isso me deu M E D O.

Medo do hiato que transcorreu entre minha alopração e a devida reflexão.

Do *beck*, se compararmos os óbitos originados pela maconha - *existe algum?* - com os assassinatos cometidos pela polícia ou nas brigas de gangues veremos, como em muitos países desenvolvidos, ser mais racional discriminalizar e dar mais esse direito ao cidadão.

Aqui na Psico, tamanha é a paranóia, que tem até professora afirmando ser tal aluno traficante. Será que ela já comprou dele?

Reprimir é cercear direitos, mas, se quer fazer alguma coisa: com um currículo que tenha algum significado, que faça sentido e um curso noturno a permitir trabalhar, talvez a galera fume menos.

Sobre os cervejeiros, o Estado brasileiro é mais democrático que a Psico-USP, enquanto no primeiro

não há nenhuma lei a coibir a venda em universidades estaduais, aqui quem berra mais alto manda. Felizmente parece que essa *gestalt* já está sendo fechada.

Os dinossauros - *abaixo a extinção, viva os dinossauros* - em Faculdades maiores, como a ECA ou a FFLCH, é comum trombarmos com várias lendas vivas e, tendo em vista o número total de alunos, esse grupo de veteranos acaba tendo seu espaço. Já aqui é diferente, os alunos portadores de dependência (DP) em alguma Disciplina não conseguem, às vezes, nem se inserir num dos grupos de trabalho exigidos por esta, tamanha é a exclusão.

Cursar uma graduação é uma relação entre o Δ e o currículo - incoerente, estruturado na divisão dos feudos departamentais; uma relação com o horário - elitista, a impedir que os alunos trabalhem; relação com docentes - mormente não preparam aulas, sendo, para muitos, lecionar na graduação a atividade de menor empenho e interesse. Honrosa exceção é a CG que compreende as dinâmicas dos alunos. Muito obrigado e parabéns à CG.

Em termos de demonstração de saúde e sensibilidade, não sei se o melhor, perante tamanhas incongruências, é passar incólume.

Basta!!

Basta de olhares de reprovação, de meio-cumprimento, basta de difamações, de exclusão.

XÔ OIA BRABA !!!

Parem de projetar na diferença seus objetos ruins, seus lados podres.

Já perguntaram aos *diferentes* se querem ser os portadores do seu lixo social???

Aqui é Espaço Público, não Privado, não tem dono, que haja lugar para todos!!!



"AFAGA-ME"

Jonas Boni (02)

[R]

Capítulo 1:

Corto-lhe a carne. Sinto o sangue escorrer pelos meus dedos. É quente, viscoso e com um cheiro de ferro insuportável. O pescoço separado do corpo me prende a atenção. Os olhos abertos em direção aos meus parecem me provocar, pedindo mais dor.

É isso que você quer? Então lhe dou. Furo-lhe os olhos. Arranco-lhe as orelhas com os dentes, sentindo a cartilagem levemente trincar dentro de minha boca. Morde com tesão e ódio.

Nunca pensei que fosse tão bom.

O corpo virado de bruços me pede uma sova. Tiro meu cinto de couro, com a fivela grande e dourada. Atiro-o em direção às costas. Vejo-as marcadas, o que me motiva a dar mais cinco ou seis chibatadas. Consigo descontar todo o meu ódio numa só pessoa.

Como é bom.

Minha boca levemente molhada pede mais. Paro em frente ao cadáver. Olho ao redor. Estamos na minha sala. Nada muito aconchegante. Um típico apartamento, de classe média. Meio ao barulho e à poluição da cidade grande. Somente sou mais um. Mais um grão de areia numa praia à surdina.

Será que existe alguma diferença? Talvez o fato de que esteja matando. Pobre coitado jogado à minha sala, perdido num lugar desconhecido, sendo torturado por um ainda menos familiar.

Da sala vê-se a cozinha. Poucos móveis, mas todos bem cuidados, limpos e novos. Fogão branco, geladeira azul-calcinha e uma mesa de mármore comprada numa promoção. Abaixo da pia um armário. No armário gavetas. Nas gavetas talheres. Entre os talheres facas.

Caminho até a cozinha. Acendo a luz calmamente. Abro a terceira gaveta de cima pra baixo assoviando "Amanhã será um lindo dia, da mais pura alegria... que se possa imaginar...". Meus dedos nem tremem com a faca "guinsu" à mão. Volto para a sala. Encontro meu "amigo" deitado ainda de bruços, decapitado. Talvez eu corte os dedos da mão. Não. Acho que vou tirar-lhe os pés. Pelo menos não vai mais poder andar. Irônico, não? Isso herdado de minhas leituras durante os períodos de castigo ditados pelo meu pai.

De repente brota um senso cômico, nascido do estômago que me faz rir e vomitar. O líquido esverdeado cai sobre a cabeça do sujeito já desfigurada.

Limpo o canto da boca. Agacho perto do corpo e lentamente tiro-lhe os dedos da mão. Sem impressões digitais, sem reconhecimento de corpo. Sinto-me um assassino frio e calculista. Praticamente um "Serial Killer", daqueles bons, invencíveis.

Levanto-me. Deixo o corpo estirado aos meus pés. Sento no meu sofá de couro. É um conjunto de dois e três lugares muito bem cuidado. Amarelo-vivo. Combina muito bem com meu quadro do Romero Brito. É lindo. Tem todas as cores... Uma menina no centro, com uma bolsa enorme nos braços curtos. O sorriso largo e vermelho dei-

xa a sala menos vazia. Minha televisão é grande. Tela plana. Parece um quadro.

Nunca achei que pudesse ter o que tenho. Fácil. É claro que minha beleza e inteligência ajudaram a fortuna vir. Sou um rico emergente. Ai, Vera Loyola, você que se cuide. Eu estou aí.

Na parede da sala, existem três quadros grandes, funcionando como murais pra fotos. Acho que são as únicas fotos que prestam. Da minha família tem poucas fotos. Dos meus amigos... Amigos? Nossa, eu não tenho amigos... Só agora que eu reparei que meu mural está quase vazio. Só tem essa velha e eu. Em Miami, na França, em Las Vegas, no Egito. Eu e essa múmia.

Num movimento rápido, ele levantou, pulou o corpo. Em cima da mesa de canto, pegou o cigarro, o cinzeiro. Voltou pro sofá. Acendeu o cigarro. Ligou a televisão. Nessas canais de compras.

- "Compre agora o super potente "PowerButt". Com apenas cinco minutos diários e 600 dólares você adquire o melhor produto para os glúteos". Com essa locução aparecia uma loira linda, magérrima e com o aparelho na bunda. Ela, a bunda e o aparelho. O sorriso feliz dela completava o quadro perfeito da televisão.


O olhar dele não desgrudava um segundo da televisão. Parecia completamente esquecido do que tinha cometido. O corpo continuava lá, estirado ao chão. Em meio ao sangue e às partes cortadas. Deitado. Quase dormindo. O cigarro aceso à mão queimava sozinho, deixando uma cinza longa, sempre prestes a cair. O chão ao lado tinha várias bitucas. O cinzeiro vazio e o chão sujo de cigarro.

Dormiu. Já era de madrugada. O sol estava preste a nascer quando ele resolveu adormecer. Os cabelos escuros bem cortados estavam sujos pela falta de banho. As mãos grandes e másculas sujas de sangue davam-lhe um ar de sanguinário. Porém a estatura baixa diminuía a impressão de superpoderoso. Tinha uma perna levemente mais curta que a outra. Mancava. A camisa aberta mostrava os tufos de pelos saindo. Existiam muitos. As mãos eram calejadas. Os dedos bem cuidados, as cutículas eram retiradas todas as semanas. A barba feita. O rosto tinha traços delicados. Aparentava uns 30 anos no máximo, mas era mais novo, tinha 27.

Era uma pessoa bonita. Estrutura óssea larga. Apesar de ser magro, tinha estrias na barriga e nas costas. Branco. Parecia que nunca tinha tomado sol na vida. Os dentes amarelados pelo cigarro pareciam pedir uma limpeza dentária. Babava um pouco a dormir. Não roncava, porém falava durante o sono.

- "Não faça isso comigo. Não agora, eu não quero".

- "Pare. Por favor. Pare".

As palavras saíam da boca dele num tom de desespero. Debatia os braços. Chorava muito, entretanto continuava dormindo. Dormindo. 

Ψ

O futuro está morto!
Num golpe certo se desfez.
Murcho, recolheu-se com o vento,
parou, derramou-se lento,
caiu, caiu, caiu...

Até se romper,
até fazer estilhaço,
criar baralho
com o infinito,
até sofrer de grito...

O hoje é um andarilho
peregrino a se tecer.
Cria de um coração-represa,
do horizonte é único filho
a no mundo se perder.
Maestro de cada mito
e do vento que faz beleza.

É o agora tão fugaz,
que, por onde passa, jaz.
E que se nutre
de cada grão
e fruto do amanhã,
escavando cego
todo palmo de chão
numa busca ancestral
pela criança-anciã.

E o futuro é morto
em cada certo golpe,
em cada ligeiro galope,
em cada nascer de manhã...

Luis Henrique (99)

[R]

Ψ

Por que não simplesmente curtir a balada?

Fernando (99)

[R]

O que segue são algumas pequenas reflexões suscitadas pelo texto "Comentários et al em: Encontros com a alteridade" publicado no BOCA na semana passada.

Um peculiar costume, muito difundido nos meios psicológicos: eleger absolutamente tudo como objeto de estudo.

Primeira questão ética a ser levantada: "Enquanto futura psicóloga (ou não), não pude deixar de avaliar essa atitude...".

Considera-se que a avaliação ou análise de qualquer pessoa ou situação deva se dar dentro de um contexto específico, no qual somos chamados a colaborar, tendo-se em vista um foco de trabalho bem definido e, mais ainda, uma situação na qual o profissional se responsabiliza pelo "diagnóstico",

numa abordagem construtiva e ética.

O tipo de crítica encontrado no artigo "Comentários et al em: Encontros com a alteridade" é aquele que nos faz sofrer em diversas ocasiões sociais (bem dito: sociais, não profissionais) quando, ao conhecer uma pessoa e falarmos que estudamos psicologia, essa pessoa se afasta e pergunta: "Mas você não vai me analisar não, né?".


"Encontros com a alteridade"... o título dá o que pensar, né?

No que os Engenheiros da Poli são tão diferentes da gente? Ah, será porque a aluninha de psicologia acha que eles têm a "ilusão de se encontrar em posição tão privilegiada"?

Quanto a hinos e vômitos

Quando se elege o outro como

objeto de estudo, esquece-se do próprio rabo e do que acontece no próprio quintal. É tão difícil lembrar dos Interpsico e festas afins? Aliás, o moralismo implícito nas afirmativas do referido artigo não parece caracterizar alguém disposto a se defrontar, de forma genuína, com a alteridade, nem sequer de viver a própria vida. Vestindo a máscara do discurso competente fica mais fácil, certo?

Só pra finalizar: "...expressão livre de extravasamento por todos os anos de sofrimento, dentre esses o de cursinho, é claro". O que há de errado em sofrer? Qual é o problema em expressar livremente esse sofrimento? Será que o texto "Comentários et al em: Encontros com a alteridade" não estava lá expressando alguma coisa? 

Comentários et al em:

Viva a sociedade alternativa, Bicho!

Erika Azevedo (02) [R]

Início de ano letivo pode representar muitas coisas; calouros perdidos perambulando pelo campus, veteranos desesperados à procura de estágios para completar o curso, outros transeuntes importados de e exportados para outras faculdades, um monte de colegiais visitando a USP, pessoas felizes com o novo começo, e campanha salarial. Alguns de vocês já devem ter topado com o carro de som do sindicato onde uma mulher conclama professores, funcionários, alunos, entre outros interessados, a participar das discussões sobre o reajuste salarial dos funcionários desta universidade pública. Não vem ao caso aqui questionar a validade desse que é um direito garantido por lei. O tema é outro; é a *Coação*.


Sim, porque todos nós, caros colegas, inclusive você, Bicho, que acabou de entrar na USP, seremos convidados a participar de discussões, paralisações, manifestações e até greves. Tudo

isso muito saudável, instrutivo, bonito e até útil, se assim for sua vontade. Mas é aí que mora o perigo. Muitas vezes, aqueles que se julgam defensores dos oprimidos, se tornam opressores diante daqueles que seguem uma opinião diferente. Esquecem, que nem todos concordamos com a mesma solução para os problemas mais simples, por melhor que sejam nossas intenções; o que diria dos mais complexos. E assim, tentam coagir os outros usando de rótulos ofensivos e outras agressões de baixo calão.

Não permitam que isso ocorra com ninguém; não permitam que a lei do mais forte vença. Todos têm que se responsabilizar pelas conseqüências de seus atos. Lute por aquilo que acredita, mesmo que a maioria de alguns convictos esclarecidos e outros covardes calados fique contra você. A melhor arma contra a coerção é a informação. Divida, sim, sua opinião com os colegas, entenda o

que está acontecendo, aprenda e ensine às pessoas os vários modos de se pensar a universidade pública. Mas não rotule ou admita ser rotulado por ninguém porque os pontos de vista são diferentes. É graças à diversidade que crescemos e aprendemos, e ela deve ser celebrada e não atacada. Não importa se diante da próxima manifestação você irá escolher pintar cara e sair às ruas ou se calar, desde que o faça conscientemente e de livre e espontânea vontade.

Vai, "*faz o que tu queres, há de ser tudo da lei*" (Raul Seixas).

Nota: Com o intuito de promover o encontro com a alteridade franco e privilegiar a diversidade e crítica construtiva, segue trecho do último artigo da coluna "Comentário et al" para fazer com que já esperadas opiniões contrárias sejam feitas de forma esclarecida "*Atitude, esta, que não é exclusiva da Poli*" (4º parágrafo, 3ª linha). 

RAPIDINHAS

Biblioteca aberta até as 19h

Depois de tanta reivindicação dos alunos, a Biblioteca da Psico está com o horário de funcionamento até às 19h, provisoriamente. Cabe aos alunos usufruir do novo horário para que o provisório se torne permanente.

Extensão Universitária

Os projetos destinados ao Fundo de Cultura e Extensão devem ser encaminhados à Comissão de Cultura e Extensão até o dia 20 de março já com aprovação do Conselho de Departamento.

Gui (98)

Sim
Infância, berço de misérias e medos perpétuos.
A tudo hoje digo sim, covarde e fraco,
lafrouxado pelos negros anos da adolescência,
lem que cada promessa da juventude se me revelou um saque.
Penso no futuro e vejo-me sempre a dizer sim:
Já estão humilhadas todas as esperanças
Que depusitei na maturidade.

Erik Paulino (03)

O Maravilhoso Mundo de MariLu em Pérolas de molho*: Bixos saiam do lixo!

(MariLu agora sob novo formato, mais anatômico, e sem data para aparecer)

Saudações, caros-amigos-futuros-psicologuinhos-ou-não! Essa semana levei um susto quando voltei das férias prolongadas, porquê afinal o Brazil só comêssa depois do Carnaval e ninguém ia me obrigar a dançar feito a desmilinguida daquela travesti com nome de celenterado (a Laciaia, para aqueles que saíram do Brazil, como eu, e estão meio por fora)...aff...Onde eu parei mesmo? Ah! Sim...no susto...Mas que gentarada estranha era aquela pelos corredores psiconianos, será que estavam distribuindo (o) batata? Êta povinho sem estilo, todos com o cabelo igual, me senti novamente no terceiro Reich, achei que a guerra contra o Jacques Chirac tinha finalmente implodido!

Mas logo me acalmei quando notei que era mais um bando de mulher que veio fazer essa faculdade de agarrar marido e uns perdidos que não passaram na POLI, mas continuaram com a esperança de serem os pretendentes das moçoilas desgarradas.

Senti falta da corja que foi despejada ano passado atualmente desempregada, a não ser os carniceiros da auto-ajuda (leia-se Self-help) e aqueles que partiram para as ciências exotéricas. Não é falar mal, vocês sabem, titia MariLu jamais faria isso, mas com o tempo a gente pega gosto pelas coisinhas, por mais insignificantes que sejam...

Bom...Chega de falar dos que se foram (eles devem ser esquecidos) e vamos dar as boas vindas aos nossos novos mascotes (Meu deus! Tô ficando velha! Olho pra eles e me lembro da época em que dei os dentes de leite para a fada dos dentes...).

Fiquei muito assustada com o que andei ouvindo dos corredores psiconianos: uma epidemia gay tomou conta da faculdade e eles, todos serelepes, caminham jogando suas madeixas e com seus olhares lânguidos imaginando como ficariam as paredes se fossem revestidas de tinta sabor arco-íris! Me admira a parede dos bixos não ter virado um antro de verborragias pornográficas dessa seita pagã! Posso até visualizar as festas

do C.A.: Cher berrando nos alto-falantes enquanto pelúcias, plumas e paetês movimentam-se vulgarmente e bocas dublam o "embromation" mais básico das drag-musics.

Tudo isso porque um psicolano-recém-veteranizado resolveu botar as peninhas de fora e transformou a aula inaugural, tradicionalmente de clima familiar, em um verdadeiro galinheiro!

Eu? Ah...eu achei super legal, né? Super coragem, sei lá, as pessoas não precisam ter vergonha dos seus defeitos, né? Eu sou da opinião que as pessoas devem lutar pelo seu espaço, se expor para se tornarem verdadeiros ícones, como a Carola Scarpa, por exemplo, que heroicamente desmascarou o playboyzinho brasileiro.


Ah, mas sei lá, né? Se for pra ser gay, que seja dentro do armário, pois o que acontece entre quatro paredes é problema sexual de cada um! Onde já se viu um psicólogo gay? Freud já dizia que o homossexualismo é resultante de falhas no desenvolvimento libidinal, sendo considerado, portanto, um comportamento desviante!

Espero que esse texto tenha sido ilustrativo e que vocês possam se conter um pouco mais, pois que exemplo vocês vão dar aos bebês que ingressaram na família psicolana recentemente? Talvez seja melhor continuarem acreditando que o único veado do mundo é o Bambi...

Até quando me der vontade de escrever de novo!

E não se esqueçam: Deus não fez a porca e o parafuso à toa!

* Fiquei na dúvida se se tratava de uma pérola psiconiana ou mais um texto da sessão fique de molho. Assim, criei a nova sessão, porque afinal, quem manda aqui sou eu e quem não gostar que largue a faculdade!

Participem mandando sugestões, críticas (MEDO!) e perguntas para o email da MariLu: oogrupos.com.br ou ommmarilu@yahoo.com.br, ou visitem o blog da MariLu para conhecer ou relembrar o nosso trabalho: ommmarilu.blogspot.com. 

Da porta de minha casa, no bairro da Bela Vista, até o IPUSP, passo, diariamente, por uma série de situações que escancaram a desigualdade existente nos grandes centros urbanos de nosso país: há uma senhora, grávida, que mora com sua família, na esquina da grandiosa Avenida Paulista; a cada semáforo, quase sem exceção, crianças disputam os centavos dos donos de carro, por vezes em troca da limpeza do retrovisor (alguns preferiam dar o dinheiro para que os meninos nem se aproximassem dos vidros com suas vasilhas de água semi-suja); um 'maluco de rua', sujo e maltrapilho, fala, sozinho, palavras que lembram maldição; prédios abandonados ocupados por quem não tem sequer onde morar; prostitutas, dos mais variados tipos e preços, recepcionam nossa entrada no campus...

Essa pequena lista poderia ser completada com um sem-número de cenas que nos convidam a crer que aquelas pessoas são 'vítimas da exclusão social'. Mas, **será que, de fato, podemos falar em 'exclusão social'?**

Bom, temos procurado pensar sobre isso no NAC, já que esse tema é da maior importância se queremos uma sociedade mais justa e cidadã. Assim, sempre organizamos grupos de estudo, momentos em que lemos algumas coisas sobre esse e outros temas, e também convidamos algumas pessoas legais que vêm pensando sobre a desigualdade social e formas de transformá-la. Nesse percurso, revimos, muitas vezes, o que pensamos sobre a questão da exclusão social.

Num primeiro momento, achávamos que todos aqueles que não tinham seus direitos garantidos eram 'excluídos sociais'. Isso nos parecia tão óbvio...

Foi quando, num encontro do grupo de estudos em 2000, a Lígia Amaral, querida professora nossa que infelizmente faleceu no ano passado, falou que mesmo o morador de rua que come nosso lixo não é excluído social, mas parte do que ela definiu como '*inclusão marginal*'. Disse ela que em uma sociedade como a nossa - marcada, estruturalmente, pela divisão de classes -, aqueles que, *aparentemente*, são excluídos, na verdade, fazem parte, assumindo o posto de 'aquele que está do lado de fora'. Eles *participam como 'excluídos'*, e são *necessários* para a própria estruturação dessa

EXCLUSÃO SOCIAL?

Núcleo de Ação pela Cidadania - NAC
Lygia Viégas (pós) [R]

sociedade (aquela história de 'exército de reserva'...). Aliás, não foi só ela que chamou a atenção para o *caráter ideológico* da idéia de exclusão social. Muitos pensadores nacionais e estrangeiros vêm escrevendo sobre o tema.

Mas cuidado: dizer que não podemos falar em exclusão social **não significa que não exista a exclusão**. As cenas descritas no início do texto parecem ser um grito de que a exclusão existe e, ao que parece, tem crescido nos últimos anos. Só que, ao invés de exclusão social, passamos a considerar mais pertinente falar em exclusão da escola, exclusão do mercado de trabalho, exclusão do acesso à saúde e à moradia digna, ou, mais amplamente: *exclusão de direitos*. Exclusão essa que atinge aqueles que participam da sociedade assim: como excluídos.


Para mim parecia muito claro, portanto, que dizer exclusão social quando falávamos daqueles que não têm seus direitos garantidos tinha um quê de inverdade. Foi quando o Zeca Moura, outro querido professor nosso, em uma defesa de mestrado no final do ano

passado, mais uma vez virou de cabeça para baixo minhas reflexões sobre o tema. E, para mim, radicalizando mais ainda...

Disse ele que, numa sociedade como a nossa, construída sob a estruturação *incluídos/excluídos*, **todos somos excluídos sociais**. E só o deixaremos de ser quando todos tiverem seus direitos garantidos, e não apenas parte das pessoas.

Confesso que desde então estou inquietada com essa questão. Por isso, levei minha inquietação para a reunião do NAC, que acolheu a necessidade de se pensar mais sobre o tema. Assim, essa será, certamente, uma discussão que faremos no NAC este ano, por meio de leituras, conversas, reflexões...

Para concluir, quero destacar que nosso caminho no NAC parece apontar, antes de mais nada, para a importância de termos parado, pelo menos uma vez por semana, nos nossos grupos de estudos, eventos e intervenções, para pensar mais profundamente sobre a questão da cidadania e outras que a tangenciam. Assim, visões que se sustentavam, pois nos pareciam óbvias, desmantelaram-se. E desmantelaram-se de novo... Sabemos que outros desmantelamentos virão... Muitos outros pensamentos nossos sofrerão xeque-mate, serão desconstruídos, ressignificados. Consideramos isso uma importante característica do NAC... É isso...

OBS: para quem quer saber o que é ideologia, tem alguns livros muito bons da Marilena Chauí, dentre os quais destaco: "O que é ideologia?", (1980); e "Cultura e Democracia", (1997). 

Poema de colagens

Contemplo a vida:

Nos lábios, o sorriso estúpido de um perdedor insolente.

À minha frente, paisagens aniquiladas,

Por onde caminho feito um tanque de guerra.

A existência está rota, e seu conteúdo escapa por todos os lados.

Os punhados de pó, que antes me ensinavam o que era o medo,

Nada significam diante destas ruínas.

Fui condenado ao degredo e sobrevivi:

Só um coração endurecido pode ainda fazer pulsar este sangue curtido.

Inclino-me para o pano carcomido dos séculos e concludo:

Bordar ou dormir, tanto faz.

Erik Paulino (03)

Trajetos do sofrimento no mundo contemporâneo: ruptura, continuidade e busca de sentido

Enviado por Cláudia Rocha (IPUSP — D. P. CLÍNICA)

21 de março de 2003
salão nobre
bloco 23 - IPUSP

- 09h00 apresentação
Tânia Maria José Aiello
Vaisberg

- 10h00 - 12h00
O Sofrimento: colapso
identitário e desconstrução do
sentido

La Souffrance: effondrement
identitaire et déconstruction du
sens

Jacqueline Barus-Michel

- 13h00 - 13h30
Vicente Falek Brauer - piano e
Amílcar Rodrigues - trompete

- 13h30 - 16h30
A Eficácia das Práticas
Terapêuticas: Ciência e Crença.
L'efficacité des pratiques
thérapeutiques: science et croyance
Jacqueline Barus-Michel

- 16h30 - coffee break

- 17h00
Sofrimento contemporâneo à
luz da psicanálise winnicottiana
Gilberto Safra

- 18h00 - encerramento

inscrições:
serefazer@uol.com.br

entrada gratuita - vagas
limitadas

Promoção: Ser e Fazer - LEFE

BichUSP 2003 NOTÍCIAS DA PSICO

Guará (02)

Foi realmente muito gratificante ter despendido tanto empenho para a realização do BichUSP este ano, e a participação da Psico foi espetacular. Apenas para informar os que não estão por dentro do que acontece na sua faculdade; este final de semana começou a competição esportiva feita especialmente para os bixos da USP. Mais especificamente, este final de semana rolaram as modalidades natação, tênis, tênis de mesa (ping-pong), xadrez e um torneio de atletismo extra-oficial.

A Psico obteve ótimos resultados, talvez figurando entre os dez primeiros em todas as modalidades, e provavelmente entre os oito primeiros no geral. Nenhuma medalha foi ganha, e apenas uma partida venceu dentre todas as modalidades (André Tadashi venceu a partida individual em Tênis masculino contra a FFLCH). As demais partidas nós fomos derrotados, mas não sem antes demonstrar o caráter competitivo e desportivo da Psico.

No tênis, perdemos uma partida individual, ganhamos outra, e perdemos na decisão por duplas, para a FFLCH. Foi uma partida disputada, sem favoritos, e que demonstrou o crescente interesse pelos nossos atletas por este esporte.

O atletismo foi marcado pela péssima arbitragem, feita de forma amadora. O prazo de inscrição não foi respeitado, nem mesmo as normas do mesmo. Cada entidade podia inscrever e desinscrever atletas a medida do necessário. Mas, ainda assim, méritos aos atletas, que participaram da grande maioria das provas com garra e determinação.


O Tênis de mesa jogou no Domingo, após um atraso de uma hora e meia da Odonto no masculino (que nós, da Atlética, levamos numa boa) e outro de um minuto por parte de uma de nossas atletas (Fernanda e Mariana, parabéns!) que só faltou vender a alma para o cara da FEA não queixar e exigir um WO. Infelizmente perdemos todas as partidas, e o melhor desempenho foi do Rodrigo Kawano que conseguiu fazer 9 pontos num mesmo set.

O Xadrez foi uma bagunça generalizada, dado o sistema maluco imposto como forma de disputa pelo IME. É claro que aprecia-se toda e qualquer manifestação e tentativa de melhorar a competição, mas de nada mudou, pois o IME, a POLI e a FEA continuaram sendo

as melhores no xadrez. A Psico teve ao todo oito atletas que jogaram xadrez esse ano, e juntos, não chegaram à uma hora de jogo. Nossos representantes na LAAUSP já estão tomando as providências para alterar a forma de disputa para o BichUSP do próximo ano, para o método convencional.

A Natação como sempre manteve a tradição de revelar grandes atletas. Apesar de nenhuma medalha ter sido ganha, obtivemos pelo menos três quartos lugares, além de termos representantes em todas as provas. No geral, a Psico ficou por volta do 6º lugar. Na última prova, a equipe masculina foi desclassificada por ter pulado na piscina ao término da prova, com consentimento da cronometrista. Vale novamente as críticas à arbitragem, que esteve desorganizada e desafinada no que diz respeito ao descuro sobre regras. Conversando posteriormente com o Presidente da LAAUSP, citei o fato de que os Bixos da Psico tiveram comportamento exemplar, de demonstrar e extravasar toda a alegria de completar a última prova. Todo bom esportista sabe que o verdadeiro objetivo de se praticar esportes é justamente a alegria que ele pode proporcionar, de superar os limites e de realizar um evento social de união e sacrifício pela equipe. Nossos Bixos talvez tenham ganho muito mais do que os que venceram a prova, pois demonstraram que não se importam com o resultado, seja ele um tempo ou um lugar ao pódio. Eles se superaram, e isso ninguém pode desqualificar. Parabéns a todos os Nadadores, que fizeram bonito, e parabéns a Ligia "que nada", por seu empenho como treinadora destes atletas.

Em nome da Atlética, fica aqui os parabéns a todos, que deram muito de si pelo prazer do esporte. Eles sabem que o tanto que sacrificaram este final de semana valerá por mil outros finais de semana, e será uma das lembranças maiores de seu tempo na faculdade. Uma célebre frase diz o seguinte: "Dar de si antes de pensar em si". Isso é a glória da Psico, que não é campeã nos jogos, mas é vitoriosa na vida.

PS: Fica aqui o convite para este final de semana, que vai haver competição de Futsal e Vôlei, masculino e feminino, em horários a serem divulgados na quarta. Maiores informações com a Atlética, no mural ao lado da Pró-Aluno. 

Foi só um sonho

Renato (01)

O noticiário acabava de informar em edição extraordinária que o presidente Lula havia sido baleado. Mas não se sabia ao certo o estado do presidente; tampouco, quem o havia alvejado.

Nas principais capitais do país, havia militares por todos os lados, sobretudo na do Distrito Federal. O país estaria se defendendo de alguma invasão, de algum ataque que já atingira o presidente? Não se sabia. E a gravidade do ferimento de Lula? Não se sabia.

Desde o anúncio de que o presidente saíra do Planalto ferido, foram aproximadamente duas horas de incertezas, desespero e pânico. Até que, em rede nacional de rádio e tevê, o chefe das Forças Armadas anunciava que os militares, numa ação em conjunto com o governo dos EUA, estavam assumindo o controle da República Federativa do Brasil. A explicação para tanto foi breve. Disse que as propostas do "ex-presidente" condenariam o país a um "isolamento onde toda a população naufragaria".

Algumas horas depois, rondava a notícia de que Lula teria sido assassinado. Um importante assessor, que presenciara o episódio, disse que ao ter seu gabinete invadido o presidente respondera, "Daqui só saio morto". Então, o chefe da operação teria ordenado a um sargento que atirasse.

Não era possível. Um golpe militar!? E naquelas condições!? A população não acreditava no que via... Durante a semana, descobriu-se que líderes de importantes setores no Brasil não apenas estavam sabendo como também forneceram todo o suporte.

- Que mundo é este onde uma meia dúzia com muito dinheiro dita todas as regras? E o povo como fica? A esperança não vencera o medo?

Foi só um sonho... Exatamente. Essa história proveio do relato do sonho de um morador de Jequitinhonha, cidade mineira, que presenciou a visita de Lula e seus ministros nos primeiros dias do novo governo. O rapaz comovera-se tanto com a visita que pela primeira vez, de fato, acreditou em dias melhores. Em dias onde ele poderia fazer suas refeições sem racionamentos, em dias onde seus filhos freqüentariam a escola - que ele não freqüentara -, em dias mais tranqüilos enfim.

Na noite seguinte à visita, ele teve esse sonho. E ainda há quem diga que esse cidadão é raso, cabeça vazia, burro etc. etc.

NOTA: A visita presidencial à Jequitinhonha de fato ocorreu, mas o cidadão mencionado no texto é fictício.

Capítulo 32

A Jornada se Inicia

Busilis (00) [R]

"Uma luz se acendeu para mim: é de companheiros de viagens que eu preciso, e vivos - não de companheiros mortos e cadáveres, que carrego comigo para onde eu quero ir"

F. Nietzsche

Sim, a lua resolvia o seu conflito cósmico e resolveu enfim aparecer, luminosa como sempre. A luz se acendendo lá em cima, ao luar. Havia naquela praça arborizada um banco de pedra, pedra fria, e ele estava servindo de suporte aos amantes. Estavam ali sentados, sem dúvida, apreciando a lua, talvez. Sim, gostavam-se mutuamente, ele e ela e eles e a lua. O luar era a luz daquele espetáculo, de atuação grega. Estavam em posição de confissão, ajoelhados perante o céu estrelado, luminoso; era essa a imagem que passavam. Era o momento de falarem coisas que somente a lua poderia testemunhar, mudamente, luminosamente. O vento era a música de fundo; pano de fundo estelar, constelação arquetípica. Não se tocavam, seus olhares impediam isso; olhares que, tocando átomo por átomo do ar que os separavam, tocavam-se mutuamente, no olhar espiritual. A lua trouxera os bons espíritos da Noite, que cantavam em versos Elíseos as suas histórias. O ar límpido dessa noite se perfumava com odores excelsos, perfume da suprema harmonia do firmamento. Não se tocavam, a sinceridade impedia isso. Sim, não eram namorados. Era uma afinidade ancestral. Um lago entreabria-se debaixo do luar, logo à frente deles, mostrando a escada prateada que os conduziria aos Reinos Submersos; afundar nas estrelas.

"- Vamos jogar o jogo dos olhares! Olhamo-nos. Agora, o primeiro que desviar o olhar perde. Mas o que é bom: o outro ganha."

Talvez não fossem os conteúdos de suas palavras, cânticos sagrados. Embalavam em suas bocas quentes de coração os ares frios do vento da noite de luar: criavam palavras baseadas em suas histórias e faziam as suas histórias com suas palavras pessoais. O passado, aquilo longe, longe, perdido, quase esquecido, ganhava nova cor, cor de coração, cor de paixão.

"- Oh, sim. Filósofos sempre falam das Paixões da Alma."


Ainda que chovesse meteoros, o banco continuaria ali, protegido que estava por aquela redoma iluminada de luz; confluência de energias; mandala de proteção contra o influxo energético do exterior; membrana plasmática de atividade seletiva.

Um olhar, rápido, em um dos lábios. Alguém perdeu; outro ganhou. É a lua, o lago, ali, entre eles, eles e o luar, iluminados, luminoso. Luz Sábia Demais.

E, em cada olhar, novos universos pululavam de vida contagiante. Outras dimensões, a dimensão do canto dos pássaros, as dimensões misteriosas das crateras lunares. Ser o quê, depois de astronauta?

Sim, estavam unidos, mas somente de olhos fechados.

"Uma luz se acendeu para mim: não é ao povo que deve falar Zaratustra, mas a companheiros! Não deve Zaratustra tornar-se pastor e cão de um rebanho"

F. Nietzsche 

GOZE

no Interpsico

Felipe(02), Gus(02), Marcela(02),
Ana Clara(02), Nati(02) [R]


É uma tradição da Psico-USP o desânimo reinar sobre nossa arquibancada nos eventos esportivos e para reverter esse quadro resolvemos criar o GOZE (Grupo para Organização da Zona em Eventos esportivos ou não) para enfim termos uma torcida feliz! Montaremos uma bateria e precisamos de integrantes. Mesmo que você não toque nenhum instrumento musical, mas esteja fofoso por participar, fale com a Nati(02), Gus(02), Clo(02) ou João(02).

Mas você que não quer participar da bateria pode zinear de outras maneiras, integrando o grupo ou participando dos seguintes concursos que o GOZE está promovendo:

- Concurso para criação de um

Mascote para a Atlética (pode ser do reino animal, vegetal, mineral ou sentimental, qualquer coisa para simbolizar a atlética de sua Faculdade). Concorrendo a um kit do Interpsico.

- Concurso para a criação de músicas, hinos ou gritos de guerra (que exaltem sua Faculdade, rebaixem as demais, humilhem seus colegas, agradeçam seus professores, entre outros; podem ser paródias musicais, remakes de velhos gritos de guerra, marchinhas de Carnaval...). Concorrendo a uma caixa de breja.

Entreguem suas criações para o Fê(02), Ana Clara (02), Marcela (02) ou Dani(00) até o dia 31/03. No dia 04/04, sexta-feira, haverá um *happy* plebiscito para a escolha das melhores criações.  GOZE

*à meia luz
a vida parecia inteira
pois o canto escorria
pelos cantos
e preenchia os espaços vazios
de nossas almas*

Pedro Tostes

Representantes De quê?

Renato (01), RD da Congregação

Os Representantes Discentes são os alunos que participam da vida institucional da USP. Quer dizer, os RDs têm alguma voz e poder de decisão, junto aos órgãos colegiados, na hora de palpar sobre os destinos desta Universidade.


Afora a Diretoria, os demais órgãos do IPUSP possuem representação discente. São os seguintes: Congregação, Conselho Técnico Administrativo, Comissão de Cultura e Extensão, Comissão de Graduação, Departamento de Psicologia Experimental, Departamento de Psicologia Social e do Trabalho, Departamento de Psicologia da Aprendizagem, do Desenvolvimento e da Personalidade, Departamento de

Psicologia Clínica, Bloco D, Comissão da Biblioteca, Comissão de Pesquisa e, finalmente, Comissão Ampliada da Reforma Curricular. Nesse último há três RDs. Os demais possuem, cada um, um representante discente.

Não podemos deixar de considerar que a participação reservada aos alunos ainda é muito pequena, se levarmos em conta o poder de voto. No entanto, e aqui está nosso ponto forte, temos um enorme poder de voz. Por isso, é muito importante que todos os alunos - ou seja, o corpo discente - participem, dando opiniões e discutindo com os representantes, às quintas-feiras, 12h, no CA.

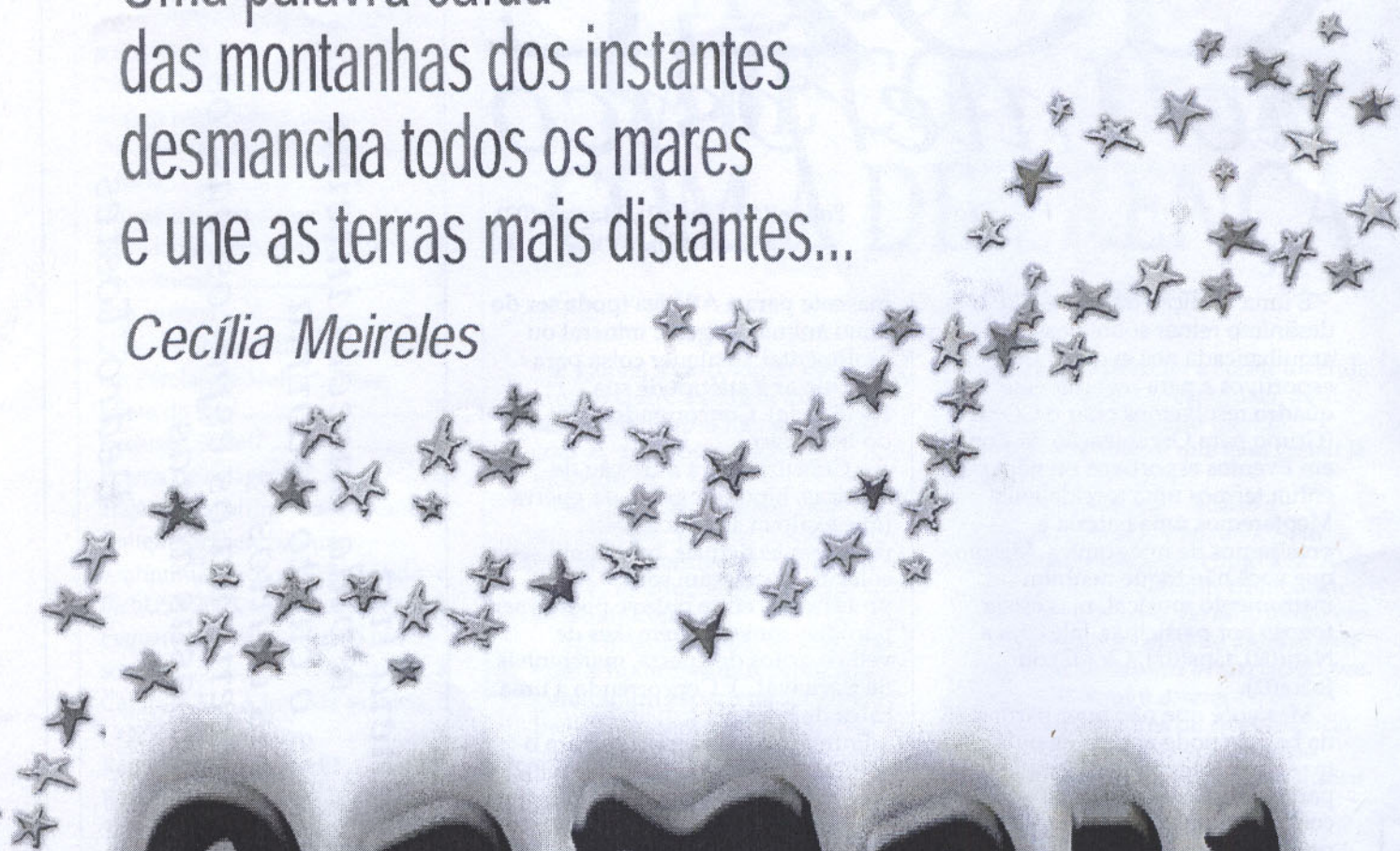
Na próxima reunião, dia 20 de março, haverá a discussão sobre a

proposta que a Comissão Ampliada da Reforma Curricular enviará à Congregação. Trata-se de um assunto de extrema relevância para o IP, uma vez que já envolveu muita luta nos últimos anos. Agora estamos muito próximos do novo currículo. A participação de todos, pois, se faz extremamente importante.

A existência dos RDs só faz sentido se o corpo discente se manifesta. No mural do CA, há uma lista com os nomes, telefones e e-mails dos RDs (titulares e suplentes). Nas reuniões de quintas-feiras, cada RD traz as questões dos órgãos em que atua, para que todos possam dar sua opinião. Faça jus ao seu poder de voz! 

Uma palavra caída
das montanhas dos instantes
desmancha todos os mares
e une as terras mais distantes...

Cecília Meireles



SAIBA

Centro Acadêmico da Psicologia
28 de março de 2003 - 19h

Haverá também o lançamento do livro
O Mínimo de Pedro Tostes